

# TABULEIRO DE LETRAS

## Memória e identidade na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

## Memoria e identidad en el libro *Fim*, de Fernanda Torres.

Doroteia Carneiro dos Santos<sup>1</sup>

Cláudio do Carmo Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo baseia-se na história do personagem *Ciro*, do livro *Fim* (2013), de autoria da escritora Fernanda Torres, para discutir a relação entre memória individual e o nome próprio como portador de uma identidade, pois consideramos que a identidade, enquanto determinante das características individuais, é construída por meio da relação dialógica e pela troca de experiências. Desse modo, tudo o que é compartilhado nesse contato com o outro fica gravado na memória. E, assim, as relações memorialísticas e identitárias se constituem por meio do convívio em sociedade e individualmente.

**Palavras-chave:** Nome próprio; Memória; Identidade.

**RESUMEN:** En este artículo, parte de la historia del personaje de *Ciro*, del del libro *FIM* (2013), de la escritora Fernanda Torres para discutir la relación entre la memoria individual y el propio nombre como el portador de una identidad, porque creemos que la identidad como factor determinante de la características individuales, se construye a través de relación dialógica e intercambio de experiencias. Por lo tanto, todo lo que se comparte en contacto entre sí se almacena en la memoria. Y así los memorialísticas indentitárias y relaciones están constituidos por la vida en la sociedad y el individuo.

**Palabras clave:** Nombre próprio; Memoria; Identidad.

## 1 Introdução

O presente artigo parte da história do personagem *Ciro*, com o objetivo de discutir, à luz das teorias sobre memória e identidade, o processo identitário e memorialístico que envolve a

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente da Educação Básica no município de Ilhéus. Professora articuladora no município de Arataca. E-mail: doroteiacarneiro@bol.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ / Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia / UNEB; Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Linguagens e Representações da UESC. E-mail: claudiocarmog@gmail.com

identidade individual e sua relação com o nome próprio frente às imagens representativas de quem se é no processo de interação com o outro, o que nos permite confrontar as lembranças coletivas e as individuais. Partindo desse pressuposto, apresenta-se aqui um breve enredo da narrativa: A referida história é dividida em cinco capítulos principais, com o nome de cada um dos personagens que contarão sua história: Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro.

Os cinco amigos se conheceram na juventude na década de sessenta durante o carnaval, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, a amizade dos cinco se fortaleceu, devido ao convívio do grupo nas farras. Com a passagem do tempo, esse convívio tão próximo deixou de existir, restando apenas memórias solitárias daquele período juvenil.

No que tange ao capítulo destinado a Ciro, o personagem se vê em estado terminal e à base de fortes medicamentos, por conta de um câncer. Esse presente doloroso acompanha-se, algumas vezes, de um estado de semiconsciência, o que possibilita ao personagem transitar entre passado e presente, tendo como ponto de partida as lembranças juvenis, a identidade que representava e o que ele se tornou diante do que vivencia com a doença, estando preso a um leito de hospital.

Diante do exposto, a discussão aqui apresentada confrontará as imagens memorialísticas construídas coletivamente sobre o sujeito e, concomitante, às imagens que trazem à tona a identidade vivida no tempo presente. Para tanto, recorreremos às teorias de memória e identidade, a partir das relações estabelecidas entre memória e esquecimento.

## 2 A Identidade Construída por meio das Memórias de Ciro.

A memória permite ao ser humano usar da sua capacidade cognitiva para firmar-se nas experiências passadas, mas que foram armazenadas e evocadas no tempo presente. Todo esse processo de armazenamento e evocação impede que o sujeito sobreviva de imediatismos, além de conferir-lhe a identidade, pois esta nos torna conscientes do que somos e de qual meio social pertencemos.

Isso ocorre porque o ato de lembrar é a atualização das informações adquiridas no passado. Quando trazemos tais imagens para o tempo presente, estas são atualizadas, pois parte da interpretação é feita por meio da nossa capacidade perceptiva e, desse modo, representamos internamente o que foi recebido. Portanto, lembrar significa recordar o que está guardado na memória por toda a nossa vida. O que fica registrado na memória individual é fruto de um trabalho de organização das informações selecionadas as quais são levadas à consciência em forma de lembrança.

Para Bosi (1994), a lembrança é o que assegura a sobrevivência do passado, pois cada indivíduo conserva em seu espírito o pretérito. Essas lembranças nos acompanham por toda a nossa vida, guardando traços da nossa personalidade e marcas da nossa existência que estarão sempre permeadas de emoções e medos. Enfim, nos arquivos da memória encontram-se as imagens das experiências selecionadas por nós, as quais nos guiarão pelo resto dos nossos dias ou apenas por um período da nossa vida.

Os estudos da memória têm suas origens desde a civilização grega numa época em que não havia a imprensa e na qual prevalecia a oralidade. A memória era concebida pelos gregos como uma divindade chamada *Mnemosyne*. Pertencente ao panteão grego, tinha o poder de possuir os corpos dos poetas, conferindo-lhes a visão do tempo passado e libertando-os dos males do presente. Para os gregos a memória permitia conhecer o que passou, a fim de promover maturidade para o futuro. Desse modo, a função da memória seria possibilitar ao poeta o acesso ao outro mundo e, ao retornar ao mundo dos mortais, poder cantar a realidade, mas para isso era preciso ter a capacidade não somente de evocar lembranças, mas também de esquecimento, conforme citação seguinte de Vernant (1990) sobre o momento em que se faz a consulta ao oráculo de Labadeia e eram conduzidos a duas fontes:

Antes de penetrar na boca do inferno, o consultante, já submetido aos ritos purificatórios, era conduzido para perto das duas fontes chamadas *Lethe* e *Mnemosyne*. Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da Noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo. À sua volta, ele não se limitava mais ao conhecimento do momento presente; o contato com o além lhe havia trazido a revelação do passado e do futuro. Esquecimento é, pois uma água da morte. Ninguém pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte, isto é, sem ter perdido a lembrança e a consciência (VERNANT, 1990, p. 114).

A citação anterior nos mostra que, ao ter acesso ao outro tempo, o poeta perde a sua condição presente e livra-se das mazelas humanas. É por meio do esquecimento do tempo atual que o poeta tinha acesso ao tempo dos deuses. Por essa razão, o consultante, conforme citação acima, era convidado a beber das duas fontes. Esse passeio em direção a essas fontes – a do esquecimento (*Lethe*) e a da *Mnemosyne* – será apresentado neste artigo por meio de *Ciro*, um dos personagens de *Fim* (2013), o qual, diante da sua condição física, desejou esquecer o seu presente doloroso num leito de hospital e beber das “águas passadas”, no intuito de reencontrar sua identidade.

3 A História de Ciro: o jogo paradoxal entre passado e presente na busca pela identidade e sua história de vida.

O romance conta a história de cinco personagens: Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro. Cada um deles compõe sua própria história, trazendo para o tempo presente imagens das experiências compartilhadas na juventude. Cada capítulo é narrado sob o ponto de vista de um desses personagens, o que possibilita ao leitor colher o produto final: o enredo.

Esses personagens são cariocas e rememoram passagens de suas vidas no convívio entre amigos e familiares na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o presente artigo trará apenas a análise do personagem Neto e sua evocação do passado em busca da sua identidade.

Dentre o grupo dos amigos, Ciro era o mais admirado, mas também o mais invejado, por ser dentre os jovens, o mais desejado pelas mulheres. Esse sucesso no meio do grupo feminino se dava não apenas pela aparência, mas também pelas habilidades que tinha: jogava sinuca, futebol, peteca, pôquer. Sabia agradar as mulheres, pois era cortês, um cavalheiro. Cantava e tocava violão, e foi num momento mágico desses de roda de música que se apaixonou por Ruth e casou-se com ela. Uma mulher que, segundo Álvaro (um dos cinco amigos) era, além de bonita, inteligente e sexy. O casamento não durou para o resto da vida e entre idas e vindas, o desgaste e as traições de Ciro puseram fim à relação.

Aos cinquenta anos, Ciro foi acometido por um câncer e, com isso, percebera que seu tempo estava acabando. Esse fato o fez ser bombardeado por uma gama de lembranças as quais se embaralhavam ao seu presente. O evocar das memórias da vida antes do câncer dava a ele a ilusão de acesso à sua vida saudável, devido à possibilidade de reviver as situações por meio da lembrança. Segundo Candau (2014), a memória nos dá a ilusão de que os momentos passados não estão definitivamente inacessíveis, pois é possível revivê-los por meio da lembrança, cuja realização, por sua vez, é a atualização do tempo fazendo o passado coincidir com o presente.

Pela memória, Ciro vincula os pedaços do que foi numa nova imagem, a qual talvez possa ajudá-lo a encarar sua vida presente. Esse movimento permite ao leitor de *Fim* fazer um contraponto entre o jovem Ciro e o homem maduro, além de vislumbrar o desejo dele em encontrar, por meio da memória a sua identidade, lançando no esquecimento o sujeito doente internado e agonizante.

Se no passado ele foi um homem bem-sucedido na vida social, no presente estava restrito a um leito de hospital com uma realidade ainda mais dura, na qual vê seu corpo esvaír-se, fragmentado em dores, sem parte do fígado, intestino, sem cabelos, pâncreas e vesícula. Com cistite, cateter no peito e dreno no pulmão. Por necessitar de ajuda para caminhar e realizar

tarefas diárias, era acompanhado por três enfermeiras que se revezam para atendê-lo. Sua condição atual oscila entre momento de sono por conta das medicações fortes e da consciência. Para Ciro, as doses cada vez maiores de morfina, além de aliviar a dor, saciavam o desejo de apagar e poder esquecer-se da condição presente, mergulhando em suas memórias. A visão das imagens passadas o liberaria do mal que o afetara, visto que a memória o deslocaria no tempo: “Santa morfina, alívio para a dor e a lerdeza das horas. Por que demora? Quero apagar, esquecer, sair daqui”. (FIM, p. 161).

Esse desejo pela morfina o liberaria das dores da doença e da falta de perspectiva de vida futura. Era a entrada num passado no qual estaria sua vida, sua identidade, comprovada em algumas passagens em que diz: “O meu nome é Ciro, sou advogado” (FIM, p. 168). Essa autoidentificação por meio do nome próprio o permite se reconhecer enquanto pessoa e profissional, pois sem a memória sua identidade desapareceria.

A ingestão do potente analgésico soava como beber da fonte do *Lethe*, pois lhe proporcionava esquecer-se da dor humana, numa espécie de rito preparatório para a entrada em outro lugar, no qual seria conduzido ao passado. No entanto, é somente pela memória que sua identidade é preservada. Para esse paciente terminal, o próprio nome retoma as memórias da juventude e, conseqüentemente, da virilidade – característica que também pode ser associada à imagem do advogado bem-sucedido na profissão. De acordo com Candau (2014), o nome é sempre uma questão identitária e memorial, pois as relações estabelecidas entre nome, memória e a identidade são muito fortes. Para Ciro, acessar seu nome pela memória o faria renascer e se reconhecer. Era o reencontro com sua identidade e a possibilidade de reaproximação com sua antiga imagem.

Mas para isso era necessário esquecer o presente e, semelhante ao poeta que, convidado a entrar no tempo dos deuses, Ciro foi conduzido inicialmente para a fonte do esquecimento e nela perdeu o contato com o presente e com o corpo físico, de enfermo no hospital. O esquecimento, enquanto água da morte, se contrapõe à memória, fonte de imortalidade. Por outro lado, essa relação memória-esquecimento simboliza uma espécie de passagem da morte-vida de Ciro para sua vida mais antiga, arquivada nos registros da memória. O acesso a esse arquivo reforça a ideia de Candau (2014), de que sem a memória o sujeito se esvazia e sua identidade desaparece. No entanto, essas lembranças de Ciro são apenas fragmentos do que foi vivido outrora, pois, em se tratando do que fica registrado não há como evocar um evento passado em sua totalidade. As imagens evocadas são parte do que foi vivido e não a totalidade, mas uma

cópia do passado que nunca poderá ser a original, porém tornam presente o que já estava ausente.

Por meio das memórias, *Ciro* suspende o tempo e revisita seu passado, mas, ao retornar à realidade, ainda é um enfermo num leito de hospital. Por esse motivo, o estar no passado confere-lhe a sensação de um retorno a si. No entanto, esse retorno não o deixaria do mesmo modo, não seria mais apenas o *Ciro* advogado, tampouco o doente, mas alguém que transitou entre os dois mundos, que não é mais somente de um ou do outro. *Ciro* estaria, então, na rachadura aberta do tempo e não era mais ele no hospital. Eram ele, a esposa, o quarto, a cama, a cortina e a conversa diária sobre a relação, isto é, ele se fundia a ela e aos objetos a partir da realidade entremeada pelas memórias:

Despertei com ela do lado, olhava o teto. Estava esperando você acordar, disse. Um manto pesado havia caído sobre nós dois, tão inesperado e intenso quanto o amor de antes, mas diferente, sombrio, desolador. Sentei de costas para ela, pensei dizer alguma coisa, mas continuei calado. Fui escovar os dentes. Ela me esperou voltar, exigiu uma explicação. Não é nada, Ruth. Como nada, *Ciro*? Eu te fiz alguma coisa? Não, você não me fez nada. Então qual é o problema? O problema, Ruth, é o nosso casamento. Ela empalideceu como se estivesse recebido a notícia da morte de alguém. Se ficassemos ali charfundando, seria pior, já estava pior. O pequeno desconforto dera frutos, frases, brigas e indagações, era preciso estancar a sangria. Eu vou trabalhar, Ruth, e acho que você deve fazer o mesmo, eu não sei o que há comigo. Me perdoa, eu tenho hora na cidade, vamos conversar à noite [...]. Que horas são? Anoiteceu. Eu dormi. Devo ter dormido. Já me aplicaram? Certamente que sim. Cadê a outra dose? Quero voltar para onde eu estava. (FIM, p. 163-177).

Esse retorno ao passado o permitiu visitar a casa em que viveu com Ruth, mesmo estando preso a um leito de hospital, pois, embora muito doente, as lembranças permaneceram intactas e o personagem trouxe à tona objetos, músicas, cheiros, pessoas, espaços que são partes de um todo que o compõe. Esses elementos funcionam como metonímia dos eventos passados, deixando claras as lacunas do tempo em que se recupera e reforça a ideia de que a memória é seletiva e arquivamos apenas o que nos é significativo.

Retomando os espaços ocupados por *Ciro*, nota-se que há concomitantemente dois lugares definidos: o hospital e os lugares percorridos pela memória. Desse modo, não há mais a singularidade do espaço, pois com a evocação desses lugares o primeiro passa para uma dimensão plural, de outros. Simultaneamente, ele está neste e naqueles lugares ao mesmo tempo. Pela memória traz junto com as imagens evocadas a sua casa, Copacabana, a praia, Cinelândia e Santa Teresa, pois não há meio de lembrar sem trazer junto os lugares nos quais

foram vivenciadas essas experiências. Em contrapartida, ao retornar do passado, Ciro nos apresenta o espaço do presente: o hospital.

A falta de privacidade é o grande abuso da rotina hospitalar. As portas não têm tranca. Os enfermeiros, os faxineiros, os médicos, qualquer um entra a hora que bem entende, falam alto, mexem em tudo. Limpam o chão, trocam sonda, futucam, apalpam, furam, é um pesadelo (FIM, p. 177).

Mesmo em meio ao cenário hospitalar, sem um mínimo de privacidade, conforme descrição acima, as memórias de Ciro nos deslocam para outros espaços, para sua vida em família, suas aventuras amorosas e seus encontros com os amigos. Por intermédio dele conhecemos parte das experiências desse grupo de cinco personagens que protagonizam o romance *Fim*, ainda que de forma parcial, pois essas memórias são individuais. Ou seja, ainda que parte das lembranças evocadas tragam também seus amigos, estes não estão presentes no momento da rememoração de Ciro, pois ele está solitário e o convívio entre eles fica concretizado apenas no passado. Sendo assim, é uma memória individual fruto de uma experiência coletiva que permite ao personagem trazer ao mesmo tempo o seu contato social e a sua história, embora o seja de forma fragmentada.

Nesse jogo presente-passado, nós leitores, também somos conduzidos a contemplar as imagens da cidade e o que ela pôde oferecer naquela época. Em seguida, saindo do tempo da memória voltamos para o presente e, novamente, compartilhamos do sofrimento de um moribundo solitário, já sedento pelo fim de sua vida. Diante disso, nota-se que nos deparamos diante de muitos estágios de Ciro, desde o momento do diagnóstico do câncer até as passagens nas quais, diante do seu passado, conhecemos um pouco da história do jovem, casado e advogado.

Diante dessa visão do passado e do presente, assim como quem bebeu das fontes divinas – esquecimento e memória –, pudemos vislumbrar seu futuro pela antecipação da morte que lhe chega sentencialmente, seja pela doença, seja pela eutanásia. No que se refere à segunda, percebe-se que a antecipação da morte intensifica a certeza de uma falta de perspectiva futura, da impossibilidade do resgate do passado em sua integridade e da negação à condição atual. O fim da vida é então o alívio, tanto das dores físicas quanto para a dor causada pela constatação de não mais pertencimento a seu mundo atual.

#### 4 Considerações Finais

A memória permite-nos recorrer ao passado por meio de imagens mentais, possibilitando-nos construir a nossa história de vida, pois são carregadas de traços da nossa personalidade. Tal qual o caso de *Ciro*, objeto deste artigo, utilizado a fim de comprovar que é pelo passado, mais precisamente nos arquivos da sua memória, que o personagem foi capaz de reencontrar fragmentos formadores da sua identidade. Essa identificação ocorreu por meio da evocação de imagens do próprio nome e da profissão. Fatores que o fizeram ser reconhecido socialmente. Imagem bem distante da concebida no seu tempo atual, enquanto doente num leito hospitalar. Diante do exposto, percebe-se que é a memória quem nos permite unir como um fio condutor o que fomos ao que somos atualmente. Da mesma maneira o personagem *Ciro* teve a necessidade de recorrer ao passado, para assim ter consciência de si.

Esse percorrer o caminho de volta nos permite inferir que a identidade do personagem foi construída no decorrer do tempo e a sua capacidade de lembrar é o que o torna consciente do seu passado e o permite lembrar-se do que fora. Outro fator importante com essa análise é que a história desse personagem nos traz o exemplo de que a memória preservada conserva a personalidade e, conseqüentemente, a presença de si mesmo.

O que de fato *Ciro* recobra não é o que foi no passado, mas a imagem disso, para que esta possa agir sobre o presente e represente a sua verdadeira identidade. A evocação do próprio nome confere-lhe, além da identidade, a lembrança do que tinha sido, reforçando assim a ideia de Candau (2014, p. 68), de que o nome próprio é sempre “uma questão identitária e memorial”. Portanto, lembrar-se do próprio nome conferia a *Ciro* o direito de se reconhecer socialmente, mas proporcionava um movimento paradoxal, pois, ao retornar a esse passado, havia a negação do sujeito do presente, ainda que de forma ilusória, para dar espaço a uma imagem do passado, mas satisfatória de si mesmo e assim evitar que sua história de vida, a do *Ciro* advogado e do homem viril, caísse num profundo esquecimento em meio ao seu presente, como dono de um corpo doente e agonizante num leito de hospital à espera da morte.

#### Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TORRES, Fernanda. **Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**: estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Recebido em: 18 de março de 2017.

Aceito em: 15 de junho de 2017.